



VIOLÊNCIA ESCOLAR – UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA ENTRE 2009 E 2019

Cássia Marta Félix Alves de Araújo¹
Diógenes José Gusmão Coutinho²

INTRODUÇÃO

A violência intraescolar é temática de grande relevância para estudos que se debruçam sobre o conjunto de problemas que atingem o orbe educativo na atualidade. Como condição potencializadora desta tipologia de violência, encontra-se o *bullying*- ato de violência de modo intencional, reiterado e com desigualdade de poder. (VALLE et al., 2015). As mais importantes implicações da violência escolar orbitam no baixo desempenho acadêmico dos alunos- vitimizados, a fragilização das interações sociais no interior das escolas e o comprometimento emocional e físico dos alunos expostos a esse fenômeno social.

As recentes pesquisas sobre violência na escola, em substituição ao termo inglês *bullying*, utilizam-se das terminologias- vitimização, maus tratos entre pares e intimidação sistemática. Essa polissemia de categorias demonstra o aumento de investigações sobre o tema, e revela a preocupação da comunidade escolar em torno dessa problemática.

As manifestações da violência no âmbito escolar, com especial atenção para o *bullying*, tem suas primeiras demarcações investigativas no final da década de 1970 a partir dos estudos Dan Olweus na Universidade da Noruega. No contexto brasileiro, as pesquisas iniciais estão datadas do final da década de 1990, porém, somente a partir da

¹ Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); especialista em Gestão Educacional pela Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB); e mestranda em Ciências da Educação pela faculdade Atenas College University. kika_araujo_@hotmail.com

² Graduado em Biologia pela UFPE. Doutor em Biologia pela UFPE. Professor do Mestrado em Ciências da Educação pela ALPHA. E-mail: alphadiogenes@gmail.com.



década de 2000, estes estudos se ampliaram com investigações de CATINI (2004); FANTE (2005); CUNHA (2009); LISBOA (2009) e TOGNETTA (2010).

Diante dessa questão que exige a confluência de esforço de diversos atores escolares em torno da sua equacionalização, esse estudo objetiva analisar os artigos que tratam sobre a violência intraescolar e o *bullying* no lapso temporal entre 2009 – 2019 com uso dos indexadores da base digital PEPSIC e SCILEO.ORG. Este exame sobre a temática em comento poderá subsidiar novas pesquisas oferecendo as informações trazidas pela revisão sistemática de literatura sobre a violência escolar e *bullying* para todos que transitam no *locus* escolar.

Em síntese, 100% dos trabalhos investigados usaram a pesquisa de campo como estratégia de investigação, sendo que cerca de 74% destes artigos fazem uma associação entre violência escolar e *bullying*, enquanto 63% destes trabalhos correlacionam violência escolar aos fatores associados a vulnerabilidade social.

METODOLOGIA

A pesquisa em tela, trata-se de uma revisão bibliográfica sistemática de cunho qualitativa efetuada na base de dados da *Scientific Eletronic Library Online*- SCIELO.ORG e no Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia- PEPSIC em 12 de dezembro de 2019, a partir do uso dos descritores: violência; escola; publicados entre 2009- 2019. A busca resultou em 166 estudos, sendo que após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, rol investigativo deste trabalho foi limitado em 19 artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *corpus* teórico disposto na mostra que 73% dos estudos fizeram uso do questionário como instrumento eleito para a coleta de informações, porém, como contraponto é percebido que nenhum dos trabalhos propõem a intervenção como uma possibilidade para dirimir a problemática da violência e *bullying* no orbe escolar.

Em análise aos artigos verificou especificamente no trabalho de ZAQUINÃO et al., (2016), os resultados desta pesquisa assinalaram que as vítimas potenciais de violência escolar e *bullying* são as meninas com 40,5%. No entanto, os agressores em 32,3% dos casos são meninos contra 24,6% entre as meninas. A violência verbal figurou com maior sinalização na pesquisa. O estudo mostrou, também, que as vítimas não



recebem suporte adequado da escola para fazer frente à violência sofrida. Em mesmo sentido, VALLE et al., (2015) apresenta como resultado, a diminuição dos casos de agressão verbal e *bullying* à medida que tanto o agressor quanto a vítima avançam em idade, no entanto, os alunos que são reiteradamente vítimas de violência escolar apresentam maior tendência à depressão e menores rendimentos escolares.

PINHEIRO e WILLIAMS (2009) e PIEROBON et al., (2013) traçam um paralelo entre o perfil agressivo e a violência intrafamiliar, baixa estima, uso de entorpecentes, comportamentos que trazem risco à saúde e reincidência em atos infracionais como um rol de elementos que em agregação ou individualmente são responsáveis, entre outros, para a composição das condições para o cometimento dos abusos no ambiente escolar. Em condição integrante, os estudos de SILVA et al. (2014) demonstrou a relação entre o cometimento das agressões no espaço escolar a comportamento de risco. Em mesmo sentido, o artigo de TORTORELI, CARREIRO, ARAÚJO. (2010) adjudica que há uma estreita relação entre violência escolar e familiar. Trazendo como alternativa de enfrentamento, a parceria escola e família como uma das melhores alternativas para dirimir a problemática social da violência no *locus* educativo. Condição similar observada nos constructos de FRANCISCO et al. (2015).

O trabalho de BRITO E OLIVEIRA (2018), sopesou que alunos com maiores escores para autoestima são manifestadamente os agressores, enquanto, as vítimas apresentam baixo escores em relação a sua autoestima. Assim, os agressores fazem uso da violência no âmbito escolar como uma estratégia para manter seu *status* e posição de destaque dentre os demais alunos. Os resultados de NASCIMENTO E MENEZES (2013) e BRITO E OLIVEIRA (2018), em igual percepção, afirmam que para a prática e manutenção do quadro intimidação contra suas vítimas no contexto escolar, garante aos intimidadores a garantia de posições de destaque entre seus pares.

Já a investigação de PÉREZ et al. (2013) teve como objeto da pesquisa 320 alunas e trouxe como resultados a diminuição de episódios violência escolar e *cyberbullying*, praticada entre as estudantes como um dos resultados do programa, porém, a pesquisa é carente de elementos empíricos que sustentem e justifiquem suas discussões.

A investigação de VIANNA, DE SOUZA e PEREIRA DOS REIS. (2015) trouxe um recorte preciso acerca da dinâmica da violência nas atividades envolvendo a disciplina de educação física que envolve maior movimentação entre os alunos e contato físico. Os



alunos participantes revelaram a percepção sobre o perfil do agressor- são alunos com maior poder de força e com baixo desempenho escolar. A percepção sobre as vítimas- alunos com menor compleição física. Este estudo revelou que, segundo os alunos participantes da pesquisa, há um descontrole no comportamento dos estudantes agressores, contudo, existe uma apatia dos agredidos, atitude que auxilia na manutenção do quadro de agressões vivenciadas por estes alunos no contexto escolar. O trabalho de SANTOS et al., (2013), segue mesmo sentido quanto a apatia da vítima diante do seu vitimizador.

O artigo de SILVA et al., (2013), tem como foco avaliar a preparação dos professores para lidar com a dinâmica da violência escolar. O estudo foi realizado a partir do uso de questionário, e trouxe como resultado a carência de projetos contínuos que aborde tal problemática. Assim, a escola se posiciona e reage diante de eventos extremos de violência, deste modo, contribuindo para a banalização dos atos violentos praticados no seu ambiente. Sobre o mesmo enfoque, CHAVES e SOUZA (2018) em sua pesquisa ressalta o crescimento da violência escola e apatia da escola diante deste fenômeno social e ressalta a importância da escola se debruçar sobre a Lei 13.185 de 2015 que trata sobre o Combate à intimidação sistemática

Os dados mapeados por SILVA (2018) com 2.614 adolescentes estudantes de instituições educacionais do município de Olinda demonstraram que há uma prevalência de pensamentos suicidas, sentimento de tristeza e sensação de insegurança na escola para 26,7% dos alunos participantes da pesquisa. E aponta como caminho a adoção de políticas públicas contínuas e profícuas para fazer frente à problemática da violência escolar como uma das medidas de saúde pública para a população jovem do país.

A investigação encabeçada por OLIVEIRA et al., (2018) revelou entre os participantes, a dissociação entre ofensas verbais e *bullying*. Foi verificada a prevalência de percepção entre os pesquisados sobre comprometimento da saúde emocional das vítimas.

O estudo de AGUIAR e BARREIRA (2017) traz um comparativo entre uma escola pública e uma unidade educacional privada. O estudo estabeleceu um padrão de frequência na ocorrência da violência intraescolar. Os resultados mostraram que 24% dos alunos já foram vítimas de violência escolar de forma reiterada. Os achados de AGUIAR e BARREIRA (2017) demonstraram que nível socioeconômico não é fator determinante



para o comportamento do agressor. Resultado semelhante à pesquisa de OLWEUS (1993) que não correlacionou a condição social do agressor ao comportamento vitimador em relação ao *bullying*.

A pesquisa de FRANCESCHINI et al., (2017) foi realizada com o rol de pesquisados com idade entre 15 e 19 anos, distribuídos em grupos focais. Os resultados apontaram, dentre as motivações, o *bullying*, e a violência vivenciadas por alunos no interior do ambiente escolar, especialmente para alunos autodeclarados homossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão sistemática de literatura, é possível verificar que os estudos têm uma inserção factual, com uso de questionário em 100% das investigações, em seguida as entrevistas semiestruturadas figuram como uma importante ferramenta metodológica para sopesar à realidade na qual emerge a violência intraescolar. No entanto, percebe-se uma carência de artigos que tragam a intervenção enquanto método analítico. Os trabalhos mais atuais sobre a temática reforçam de maneira reiterada a necessidade de políticas públicas exitosas para o enfrentamento da violência escolar enquanto um problema de saúde pública.

No que tange o perfil do agressor, os trabalhos não conseguiram correlacionar nível econômico com as manifestações de violência escolar., no entanto, é identificado entre os vitimadores a necessidade de manutenção do padrão de destaque social entre os alunos. Para as vítimas de violência escolar, o seu perfil está associado à baixa autoestima e autopercepção negativa de saúde. As pesquisadas demonstraram a prevalência de comprometimento no desempenho acadêmico, emocional e social entre as vítimas costumares da violência escolar.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L e BARRERA, S. Manifestações de Bullying em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, 2017; 37(3): 669-682.
- BRITO, C e OLIVEIRA, M. Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. **J Pediatr (Rio J)**. 2013;89(6):601-7.
- CHAVES, D e SOUZA, M. Bullying e preconceito: a atualidade da barbárie. **Revista Brasileira de Educação**, 2018; vol. 23, e2300.



FRANCESCHINI, V et al. Porta de entrada ou porta de saída? Fracasso escolar no ensino médio segundo estudantes e coordenadores(as) de escolas em Ribeirão das Neves, mg. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, vol. 33, e164208, 2017.

FRANCISCO, M; COIMBRA, R. Análise do bullying escolar sob o Enfoque da psicologia histórico-cultural. **Estudos de psicologia** (Natal), 2015; 20(3): 184-195.

MAIA, Juliana Cunha et al. Tecnologias assistivas para idosos com demência: revisão sistemática. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 31, n. 6, p. 651-658, dez. 2018.

NASCIMENTO e MENEZES, J. Intimidações na adolescência: expressões da violência escolar entre pares na cultura. **Psicol Soc.** 2013;25(1):142-51.

OLIVEIRA W, et al. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2018; 23(3): 751-761.

PEREZ, J. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Rev. esc. Enferm. USP.** 2010;45(3):581-8. 39.

PIEROBON M, BARAK M; HAZRATI S; JACOBSEN K. Consumo de álcool e violência entre adolescentes brasileiros. **J Pediatr.** (Rio J). 2013; 89:100-7.

PINHEIRO, F e WILLIAMS, L. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cad. Pesquisa São Paulo.** 2009;39(138):995-1018.

SANTOS L; MARTINS, M; FILHO, S; CARVALHO, M; SOUZA, E. A cultura bullying na escola a partir do olhar das vítimas. **Estud. Pesqui Psicol.** 2013;13(1):27-40.

SILVA, C; OLIVEIRA, R; BANDEIRA D; SOUZA, D. Violência entre pares: um estudo de caso numa escola pública de Esteio/RS. **Psicol. Esc. Educ.** 2012;16(1):83-93.

SILVA, J. A violência na escola. **Educar em Revista**, 2010; n. especial 2: 17-232.

SILVA, J DA; OLIVEIRA, W; BAZON, M; CECÍLIO, S. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arq. Bras. Psicol.** 2013;65(1):121-37.

SILVA, R; Cardoso, T; Jansen, K; Souza, L; Godoy, R; Cruzeiro, A. Bullying e fatores associados em adolescentes com idade entre 11 e 15 anos. **Trends Psychiatry Psychother.** 2012;34(1):19-24.

TORTORELI, M; CARREIRO, L; ARAÚJO M. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. **Psicol. Teor Prática.** 2010;12(1):32-42.

VALLE, J et al. Bullying, vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2015; 19(3): 463.

VIANNA, A; DE SOUZA, M; PEREIRA DOS REIS, K. Bullying nas aulas de Educação Física: a percepção dos alunos no Ensino Médio Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, **CESG.** vol. 23, núm. 86, enero-marzo, 2015, pp. 73-93 Fundação Cesgranrio Rio de Janeiro, Brasil.

ZEQUINÃO, M et al. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. **Revista Educação e Pesquisa**, 2016; 42(1):181.-198.